



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 2

Corpos, gêneros, sexualidades e cidades: perspectivas
interseccionais e experiências metodológicas

“Encorporando” Outras Perspectivas Metodológicas

**Caminhos Possíveis a partir das
Teorias Feministas**

Rossana Brandão Tavares

Universidade Federal Fluminense

“Encorporando” Outras Perspectivas Metodológicas: Caminhos Possíveis a partir das Teorias Feministas

Resumo:

O texto é a transcrição da fala da autora na Mesa “A Arquitetura, o urbanismo e a cidade lidos pelo corpo sexuado” do Colóquio Cidades Sexuadas. Rossana Brandão Tavares discute a urgência de uma inversão epistemológica nos estudos de arquitetura e urbanismo por meio das teorias feministas. Com isso, ela propõe o conceito em torno da noção de corpo-território para construir outros modos de produção de conhecimento por meio de metodologias de pesquisa engajada, indisciplinada e coletiva.

Palavras-chave: Epistemologias feministas; Corpo; Metodologias.

“Encorporando” Otras Perspectivas Metodológicas: Posibles Caminos desde las Teorías Feministas

Resumen:

El texto es una transcripción de la intervención de la autora en el panel “Arquitectura, urbanismo y la ciudad desde la perspectiva del cuerpo sexuado” del Coloquio Ciudades Sexuadas. Rossana Brandão Tavares analiza la urgencia de una inversión epistemológica en los estudios de arquitectura y urbanismo a través de las teorías feministas. Con ello, propone conceptos en torno a la noción de cuerpo-territorio para construir otros modos de producción de conocimiento mediante metodologías de investigación comprometidas, indisciplinadas y colectivas.

Palabras clave: Epistemologías feministas; Cuerpo; Metodologías.

“Inbodyment” Other Methodological Perspectives: Possible Paths from Feminist Theories

Abstract:

The text is a transcript of the author's speech at the panel "Architecture, urbanism and the city read by the sexed body" of the Sexed Cities Colloquium. Rossana Brandão Tavares discusses the urgency of an epistemological inversion in architecture and urbanism studies through the lens of feminist theory. With this, she proposes concepts around the notion of body-territory to construct other modes of knowledge production through engaged, undisciplined and collective research methodologies.

Keywords: Feminist epistemologies; Body; Methodologies.

O trabalho que eu venho desenvolvendo desde a época do meu doutorado, que se iniciou lá em 2011, vem de uma trajetória que começa muito antes. Quando a gente está falando sobre esse corpo que não é só feminino e que se torna feminino — como a Simone de Beauvoir (1980) nos ensinou — mas de um corpo também, que é feminizado pelo outro. Então, é um corpo que está nesse mundo e estabelece uma relação com esse mundo, com esse espaço e território, e é também um corpo em contradições vividas do ponto de vista não só individual, mas também do ponto de vista social, coletivo e cultural.

É engraçado quando alguns colegas me abordam dizendo: “Ah, você começou a sua pesquisa em 2011...”, o que sugere que o meu trabalho se deve à um suposto modismo das discussões feministas e de gênero. Contudo, eu explico que, mesmo que fosse por uma questão de tendência (se bem que em 2011 a situação não era como a de hoje, com alguma abertura, embora eu não a considere completa), construir esse debate, trazendo sua dimensão estrutural em nosso campo, foi um desafio.

Inclusive, vi que vocês convidaram a minha amiga e colega Diana Helene. Somos contemporâneas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): ela no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ) e eu no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ), à época. Nossas teses estão entre as primeiras no Brasil a abordar o debate de gênero e as teorias feministas no campo do urbanismo e planejamento. Portanto, o doutorado foi um processo de tomada de consciência do lugar do debate feminista na academia.

As minhas indagações vinham de duas frentes: a minha experiência pessoal como mulher no Rio de Janeiro, no Brasil e na América Latina, e a minha atuação como arquiteta e urbanista feminista. Minha trajetória de militância e assessoria a movimentos sociais foi marcada, logo após a graduação, pela participação em espaços como o Fórum Nacional de Reforma Urbana. Foi nesse contexto, por volta de 2003-2004, que iniciamos os esforços para incluir as discussões de gênero na pauta da Conferência das Cidades, coordenada pelo então recém-criado Ministério das Cidades.

Então, toda essa discussão da titularidade, por exemplo, preferencial para as mulheres em projetos de habitação popular, de alguma forma eu estava ali participando dessas discussões junto com sindicatos, movimentos sociais, ONGs que faziam parte do Fórum Nacional de Reforma Urbana. E sempre me bateu uma indagação: Por que essa discussão, à época, em uma referência dos estudos de gênero, por quê esse debate não penetrava no nosso campo? Pois quando eu olhava ao redor para colegas, sociólogas, antropólogas, sobretudo, historiadoras, enfim, e até algumas médicas, essa discussão já estava há bastante tempo, sendo encarado como estrutural. Uma discussão, apesar de

ainda enfrentar dificuldades, obviamente, mas o debate sobre gênero e feminismo não fazia parte da nossa realidade aqui.

Então, quando eu começo aqui a apresentação com esse título: “Encorporando outras perspectivas metodológicas: caminhos possíveis a partir das teorias feministas”, é um pouco para falar de como esse processo, que hoje resulta, mas não é um resultado fechado, acabado, ele tá sempre em processo. Eu tento trabalhar essa discussão a partir dessa perspectiva, que trabalha a discussão de gênero a partir das teorias feministas, sobretudo, para disputar um sentido no nosso campo da arquitetura; de que o conhecimento não está petrificado no tempo e no espaço. E isso talvez seja um grande desafio epistemológico para nós, arquitetos e urbanistas. Então, eu acho que toda essa experiência que eu tive no engajamento de pesquisa, extensão e ensino, incorporando as teorias feministas às perspectivas teórico-metodológicas do feminismo, também me revelou o quanto poderiam ser fundamentais para disputar um outro sentido epistemológico no campo da arquitetura.

Eu queria destacar um trecho do livro da bell hooks. Ela, que é uma feminista, do movimento do feminismo negro estadunidense, que faleceu recentemente, educadora, foi uma referência importante. E, cada vez mais, o seu trabalho tem sido traduzido para o português no Brasil. E nesse livro *Ensinando a Transgredir*, que eu já acho esse título do livro fantástico, ela fala assim para a gente:

Cheguei à teoria porque estava machucada. A dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender, aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (hooks, 2017, p. 84)

Por que eu destaco esse trecho da bell hooks? Porque quando eu entro no doutorado, — de certa forma é um marco para mim de início — percebo que o desafio não só de realizar uma pesquisa com a discussão de gênero, mas eu tomo a consciência de que há não só uma possibilidade, mas as teorias feministas têm um poder de desconstrução dessas concepções heteronormativas e de controle que fazem parte do *modus operandi* como a gente concebe, pensa, teoriza o campo da arquitetura.

A leitura de bell hooks, combinada com as conversas (principalmente com alunas), fez-me perceber o quanto esse campo disciplinar opera um modo de controle de ensino altamente normativo. Essa normatividade reverbera não só na forma como o conhecimento é produzido, mas também na maneira como essa produção, posteriormente, é ensinada.

Hoje, muitas alunas, quando leem esse livro da bell hooks ou outros que têm relação com a discussão da teoria feminista, falam que, quando leem um texto teórico feminista, é como se elas estivessem quase que numa sessão de terapia. E isso é muito curioso para nós mulheres, e também para quem está olhando de fora; mas faz todo sentido, porque é como se a gente começasse a perceber que nossos anseios, desejos, tristezas e sorrisos fazem sentido. Elas não são uma criação; são míticas na nossa cabeça. Então a gente começa a perceber o quanto tudo isso demonstra a importância da gente realmente não só estudar, pesquisar, mas também se aliar numa busca pela transformação do nosso campo.

Falando de forma mais detida sobre a pesquisa em si que eu venho desenvolvendo, hoje eu tenho esse projeto de pesquisa guarda-chuva, que eu chamo de "Inversões Urbanas: Cartografias da Reprodução Social dos Territórios", que é um projeto de pesquisa que busca, a partir da teoria crítica da interseccionalidade, compreendendo-a como um instrumento de luta pela emancipação de todas as pessoas: mulheres, homens e das pessoas não binárias, *queer*.... Considero a interseccionalidade nessa perspectiva política e de vida, não só epistemológica, que me ajuda inclusive a ter uma tomada de consciência do quanto a nossa vida é organizada em função do que a gente considera vida produtiva.

Mas precisamos encontrar uma saída para esse impasse, evitando reproduzir, no nosso campo, uma lógica que se assemelhe à ideia de "como produzir, então, uma cidade feminista?". Por meio de exercícios, orientações e da própria pesquisa, percebi que essa abordagem chegava a um lugar comum: a impressão de que bastava anexar o debate de gênero, a discussão feminista ou das mulheres, e o problema estaria resolvido. Na verdade, ao analisar o debate estrutural que precisava ser revisto, constatei que essa revisão não estava sendo feita.

Então a gente precisou arranjar um modo de inverter isso, de mexer estruturalmente nessa concepção. Assim, eu compreendi que era importante então a gente falar da reprodução social, da vida reprodutiva, sobretudo a partir de como que essa vida reprodutiva nos impõe, de uma forma bastante violenta (no contexto de uma produção capitalista do espaço urbano) a isolamentos sociais que não são só os isolamentos que a gente pode pensar do ponto de vista físico, dentro de casa ou nas periferias, nas favelas e sim, são uma série de isolamentos sociais paradoxais que acontecem no nosso cotidiano.

A pesquisa utiliza o conceito de corpo-território para aprofundar essa discussão, compreendendo o quanto o corpo reflete a relação com esses territórios. essa é uma expressão que nasce do feminismo latino-americano. A pesquisa parte dessa premissa

para analisar a importância de se estudar a relação e as tensões entre a precariedade urbana na vida das mulheres e as práticas espaciais que elas desenvolvem frente à vida reprodutiva imposta.

A ideia da pesquisa é, justamente, a partir dela, tentar construir argumentos. Uma inversão epistemológica, uma inversão de análise, uma inversão propositiva, de prática teórica e de prática de planejamento de projeto, ou seja, qualquer prática que esteja é circunscrita dentro do nosso campo, em que a gente precise pensar a cidade não só legitimando que a cidade precisa se organizar a partir da vida produtiva, mas ela precisa se organizar e ser reestruturada a partir de outros aspectos, sobretudo a partir daquilo que também é essencial para esse sistema capitalista. Então, o capitalismo depende da vida reprodutiva; logo, é fundamental considerar essa contradição capitalista. Mas, se a gente quiser transformar essa realidade, a gente também precisa levar em consideração essa dimensão da nossa vida.

Essas ferramentas de análise da pesquisa se baseiam, sobretudo, na discussão do corpo como matéria da experiência e das experiências que se encorporam. É importante fazer a distinção: usamos o termo “*encorporação*”, e não “*incorporação*”. Enquanto a *incorporação* sugere algo imediato (trazendo a ideia da teoria *queer*), a “*encorporação*” é definida por essa mesma teoria como o processo em que nosso corpo, a partir de experiências e vivências, adquire determinadas consciências, orientações ou até mesmo desorientações.

Essa ideia de encorporar torna-se, então, um motor teórico-metodológico fundamental, permitindo-nos quebrar a noção essencial de ordem e controle. Essa ferramenta não é vista apenas como reorientativa, mas também como desorientativa. Em 2021, escrevi um artigo com minha colega Mariana Bonadio, do IPPUR-UFRJ, para a *Revista de Estudos Urbanos e Regionais* (TAVARES; BONADIO, 2021). Nele, propomos o conceito de *esparração do corpo*, que busca demonstrar que a encorporação não se limita ao indivíduo. Pelo contrário, ela se relaciona diretamente com a forma como interagimos com outras pessoas, praticamos o espaço e, simultaneamente, o interferimos, reorientamos e desorientamos.

A ideia de esparração é uma ideia onde a experiência vivida tem a ver, não só uma nova perspectiva epistemológica, mas também com um outro modo de construir um método de pesquisa, considerando que um método de pesquisa é um caminho de pesquisa, é um processo de pesquisa. Isso foi fundamental para eu compreender, num determinado momento, porque a gente entende — e eu estou falando de uma forma mais ampla para além do campo da arquitetura — que método não é só sinônimo de metodologia, o que não seria o caso. Metodologia é o estudo do método, e método é

o caminho de pesquisa, já o caminho de pesquisa a gente constrói na hora que a gente tá fazendo a pesquisa.

Somos ensinadas a pensar pesquisa como se a gente precisasse inclusive seguir os grandes manuais, de que ferramenta, que instrumento, que modo é o certo de fazer pesquisa. E eu acho que estamos no momento fundamental na contemporaneidade em que a gente precisa desconstruir isso. Eu e a Mariana achamos muito potente essa ideia de esparramação, porque é um conceito enquanto ferramenta de análise, justamente para a gente reforçar a importância de considerar um método de pesquisa como um processo.

Com isso, lançamos algumas perguntas que se conectam aos desafios e às possibilidades que a própria pesquisa nos oferece, especialmente diante da atual abertura para os estudos de gênero e feministas. Para nós, em dado momento, fez mais sentido assumir que fazíamos uma pesquisa feminista, e não apenas uma pesquisa a partir dos estudos de gênero. Compreender que essa distinção era um obstáculo teórico e epistemológico a ser superado foi crucial. Isso nos ajudou a vencer receios e medos, não só para agir e disputar espaços de debate, mas também para construir uma narrativa que demonstre a importância de uma pesquisa com esse nível de engajamento.

E uma outra pergunta que a gente tem que se fazer o tempo inteiro é: por que a gente vai insistir nessa abordagem? Porque insistir nessa abordagem não é algo simples, pois o tempo inteiro somos colocadas em questão. Muitas de nós escutamos indagações de colegas que vão falar assim: "Por que você não estuda o 'gênero humano', por exemplo? Por que você tem tanto ódio aos homens?". Esse tipo de coisa a gente ainda escuta nos espaços acadêmicos, no nosso campo da arquitetura e do urbanismo, então o tempo inteiro a gente tem que se fazer essa pergunta para a gente se alimentar e não desistir da pesquisa.

Do ponto de vista pragmático, a questão fundamental é: até que ponto estamos disputando a importância de nossos acúmulos para enfrentar a precariedade urbana e promover justiça social? Ao tratar das desigualdades de gênero, racismo, homofobia e capacitismo, estamos falando de uma discussão que perpassa a violência e como ela gera precariedade. O *déficit* de saneamento e moradia, a violência urbana e de gênero, e a segregação espacial são todas expressões dessa violência que geram e reverberam a precariedade da vida. É crucial questionar: como estamos disputando isso na sociedade? Essa pergunta me parece fundamental, do ponto de vista epistemológico, pensarmos uma reorientação e inversão na forma de produzir conhecimento no campo da Arquitetura.

O título do texto que a gente escreveu para a *Revista de Estudos Urbanos* era “Ao Encontro do Corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre o espaço urbano”. Nele, a gente visita autoras como a Judith Butler (2013, 2015, 2017, 2018), mas também recorremos ao Lefebvre (2000), e a outras autoras, que fazem essa discussão do ponto de vista não só marxista, mas da fenomenologia, para a gente entender esse lugar do corpo na Arquitetura e na própria discussão do espaço.

Falando de uma forma mais aprofundada sobre o que entendo dessa esparramação, vejo-a também como um modo de construir essa inversão. A esparramação é, basicamente, uma ideia produtora de contrarresistência à indiferença. Então, esse é um elemento importante que justifica essa abordagem: o quanto a indiferença em relação aos nossos interesses, aos nossos corpos e às nossas narrativas é estrutural. Isso afeta, inclusive, o modo como a gente pratica e teoriza o debate no nosso campo disciplinar. A noção de sujeito incorporado nos obriga a entender que o sujeito não é necessariamente tipificável. Ele precisa ser entendido como um sujeito em processo, que nunca é plenamente constituído; está sempre aberto à resignificação. E talvez essa seja a grande angústia e a grande resistência que a gente precisa enfrentar nessa disputa epistemológica.

A partir do nosso artigo, a gente fala o seguinte: “Ao pensarmos as marcações diferenciadoras dos corpos como práticas espaciais, políticas, a partir da perspectiva dos sujeitos marginalizados, são estes que incorporam e performam rupturas e contradições do espaço de formas distintas”. Então é entender também, que quando eu olho para a precarização da vida como que essa precarização da vida se rebate nesses corpos que são marginalizados desses sujeitos e sujeitas que são marginalizados. Isso ajuda a entender que possibilidades de rupturas e brechas a gente pode construir a partir dessa disputa epistemológica.

Tem um texto da Ana Clara Ribeiro (2001), *Dança dos Sentidos*, no qual ela fala sobre como os estudos urbanos precisam olhar para as periferias e para esses corpos marginalizados. Não como um lugar onde o acadêmico chega apenas como o “salvador da pátria”, como se fosse revelar tudo o que está acontecendo, supondo que todos ali são muito alienados. Ela diz que é importante a gente perceber como que no cotidiano, como às vezes não só em gestos grandiosos, mas em pequenos gestos, em pequenas práticas que se repetem ao longo das suas vidas, há possibilidade de viradas de mesa coletivas em aliança. Então, como que o trabalho acadêmico também pode se aliar àquela realidade e contribuir para a virada de mesa, para mudanças e transformações. Então, esse também é um texto muito emblemático que a gente considera bastante na nossa pesquisa.

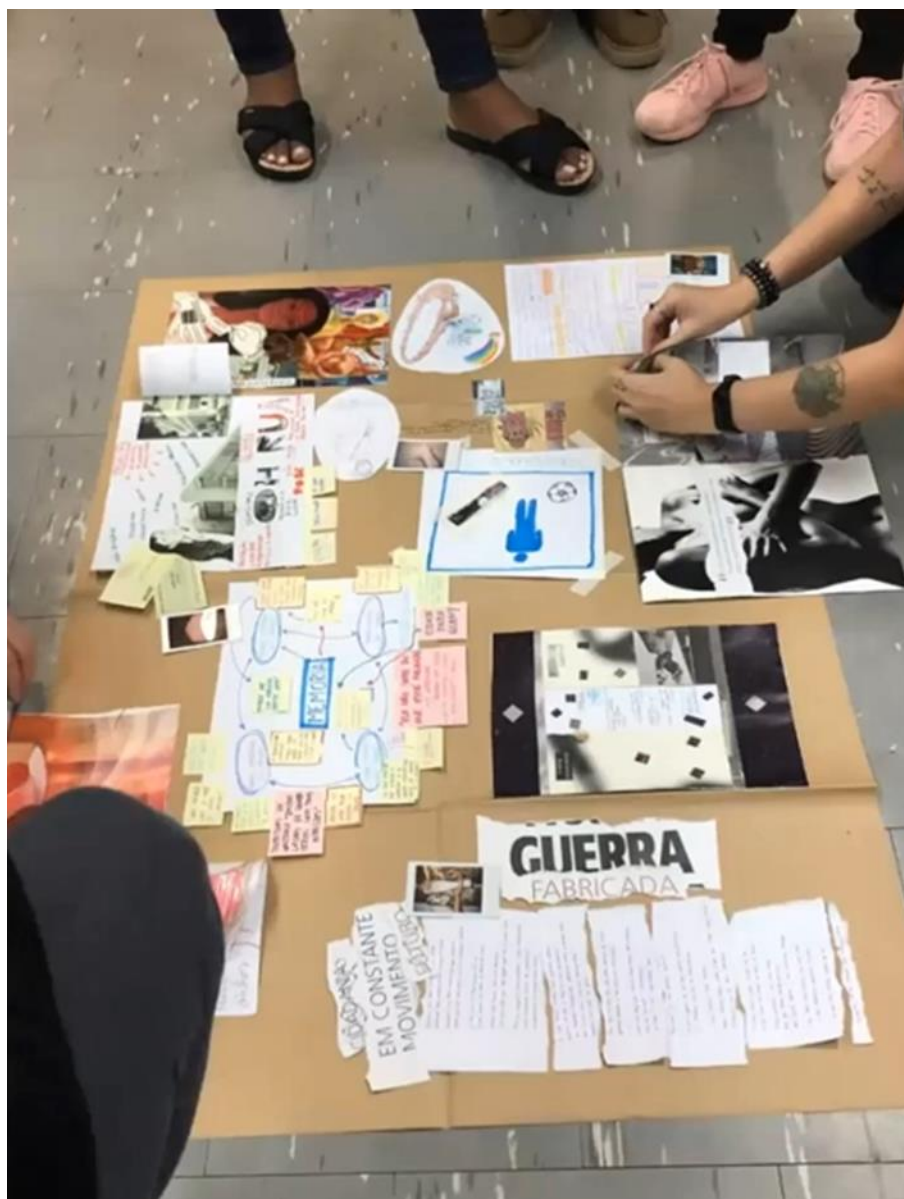
A Diana Helene e eu escrevemos um texto (TAVARES; RAMOS, 2021), a partir de uma chamada de uma revista mineira, da Universidade Federal de Minas Gerais, que é a “Indisciplinar”. Em função, até, do próprio nome da revista, acabamos propondo um artigo com o título: Indisciplina Epistemológica. Trazemos essa ideia de que o que a gente está tentando fazer, do ponto de vista da produção do conhecimento, é visto como uma indisciplina. E talvez esse seja um dos valores importantes — e estruturais — da forma como temos realizado pesquisa e extensão: de fato, tornar nossos alunos, alunas e alunes seres indisciplinados.

Aqui, mostro uma foto (fig. 1) de uma dinâmica que realizei essa semana numa disciplina optativa. Foi muito curioso porque é uma disciplina em que já estamos há mais de um mês debatendo textos feministas, e esse debate sobre o controle aparece de vez em quando. Mas esse foi um exercício em que falamos mais sobre isso: são imagens, recortes, textos, desenhos e até fotografias tiradas em sala de aula que mostram como elas sentem esse controle em suas vidas; em que momento perceberam esse controle na cidade, no cotidiano e onde ele é sentido no corpo. Eu levei uma máquina tipo *Polaroid* para elas fotografarem o próprio corpo. Foi curioso porque pedi para se sentirem muito à vontade em sala de aula, para usarem o recurso como quisessem, e houve uma certa dificuldade de fazer isso, de exercitar essa indisciplina.

Por isso, acho que — sobretudo considerando os corpos feminizados das mulheres — pensar a vida reprodutiva como ponto de partida para essa disputa epistemológica faz todo sentido. Muito desse controle que sentimos e vivenciamos em nossos corpos se inicia na nossa experiência doméstica, na vida privada, nas relações de cuidado e familiares. Então, olhando de forma pragmática para a minha pesquisa, ela tenta entender a vida das mulheres e as ocupações na área portuária, compreendendo como elas vivenciam essa vida que, obviamente, não se reduz às ocupações. O objetivo é criar uma ferramenta a partir de uma cartografia social construída com elas e a partir delas, trazendo elementos que façam sentido para pensarmos essa cartografia incorporada e desorientativa.

Mas também é preciso considerar quem pesquisa. Sobretudo essas pesquisadoras mulheres, que também se relacionam com uma vida de muito controle, com essa vida reprodutiva desvalorizada, não remunerada, e que é fundamental para a roda do capitalismo girar. Portanto, essa inversão tem a ver com esse sentido dialético: envolve aquilo que a gente pesquisa e as sujeitas que fazem parte desse contexto, mas envolve também quem pesquisa — uma transformação da própria pessoa que pesquisa.

Figura 1. Registro das dinâmicas realizadas com estudantes em sala de aula.
Fonte: Rossana Brandão Tavares (2022).



Eu vou fechar com esse fragmento de texto de um livro recém-publicado da Ivone Gebara, que ela escreveu junto com a Débora Diniz, que é a *Esperança Feminista*, e que eu acho que é um texto que todo mundo devia ler, e que ela fala o seguinte:

A imaginação é a gente conversando com a gente sobre as possibilidades futuras de nossa vida, sobre mudanças desejáveis e necessárias. Podem ser coisas boas, até mesmo coisas ruins. A chave está no coração, naquilo que a gente sente em relação aos outros e à vida (DINIZ e GE-BARA, 2022, p. 13).

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BUTLER, Judith. **Dispossession**: The Performative in the Political. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. A dança dos sentidos: corpo, espaço e tempo. In: Encontro Nacional da ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro: ANPUR, 2001. p. 1198-1208.
- TAVARES, Rossana Brandão; BONADIO, Mariana Galacini. Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 23, p. 1-25, 2021.
- TAVARES, Rossana Brandão; RAMOS, Diana Helena. Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo. **Indisciplinar**, v. 7, n. 2, p. 232-277, 2021.
- .

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74461

Como citar: TAVARES, Rossana. "Encorporando" outras perspectivas metodológicas: Caminhos possíveis a partir das teorias feministas. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 72-83, 2026.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL